

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, 213 p.

Arte e Memória

Por Graziela Naclério Forte¹

Recém-lançado no Brasil, o livro do crítico de arte alemão e professor da Universidade Colúmbia Andreas Huyssen (1942) analisa a partir de novos parâmetros, 10 obras de artistas da América Latina, China, Ásia e África. O ponto de contato entre elas é a maneira que lidam com a memória de grandes traumas históricos, como o Holocausto, II Guerra Mundial, Guerra Fria, Ditadura na América Latina e Genocídio. O assunto não é totalmente novo, pois a partir da poesia de Charles Baudelaire (1821-1867), Walter Benjamin (1892-1940) passou a articular as primeiras linhas sobre a teoria da memória no advento da modernidade. Muitos sociólogos, historiadores e filósofos também debateram o tema, porém em geral os discursos se inserem nos contextos nacionais. Neste trabalho, o autor questiona teorias consagradas e se orienta pelo pressuposto da globalização do modernismo e a política da memória. Combina estudos culturais aos aspectos sociológicos, econômicos, além de questões políticas, envolvendo diversos outros elementos.

O que há em comum entre os trabalhos do artista plástico argentino Guillermo Kuitca (1961), o teatro de sombras do sul-africano William Kentridge (1955) e da indiana Nalini Malani (1946), a série de fotografias do vietnamita Pipo Nguyen-duy (1962) e o modernismo nas duas Alemanhas (oriental e ocidental)?

De acordo com o alemão Andreas Huyssen, professor da Universidade Columbia, crítico de arte e autor do recém-lançado no Brasil *Culturas do passado-presente* (tradução <https://doi.org/10.36311/0102-5864.2015.v52n2.8271>

¹ Graziela Naclério Forte é professora-pesquisadora com experiência em História Social da Arte Brasileira, especialista em sociabilidade e agremiações artísticas no modernismo, política nas artes, realismo social e socialista. Pós-Doutoranda pela Unesp de Marília, Doutora pela Universidade de Campinas (2014), Mestre pela Universidade de São Paulo (2008), membro da diretoria do Instituto Astrojildo Pereira e participante dos Grupos de Pesquisas intitulados Pensamento Político Brasileiro e Latinoamericano, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da UNESP-Marília e Pensamento Social no Brasil, do Departamento de Sociologia da Unicamp. Autora dos livros *Diversão e Arte no Clube de Artistas Modernos* e *Carlos Prado: Trajetória de um Modernista Aristocrata* (ambos Bookess, 2014). Email: grazielaforte@hotmail.com.

Vera Ribeiro), o ponto de contato está na forma como esses artistas lidam com a memória a partir de traumas históricos de períodos ligados ao Holocausto, II Guerra Mundial, Guerra Fria, Ditadura na América Latina e Genocídio. As obras selecionadas e apresentadas no livro seguem contextos nacionais, não existindo entre elas nenhum outro tipo de padrão pré-estabelecido.

Ao todo são 10 ensaios, que abordam aspectos da literatura bem como das artes plásticas, mídia e teoria crítica a partir da produção contemporânea realizada por artistas renomados da América Latina, China, Ásia ou África.

A opção do autor de investigar obras de origens geralmente definidas como “fora do eixo” ou da “periferia” parece pouco comum. Talvez o mais óbvio fosse estudar a arte produzida dentro da tradicional geografia do modernismo, centrada na Europa e nos Estados Unidos, ignorando-se totalmente as outras partes do globo. Mas não foi este o caso.

Desde 1970, Huyssen dá atenção especial aos trabalhos artísticos de diferentes épocas e das mais diferentes partes do planeta. Isso se deve à influência recebida na Alemanha, seu país de origem, que tem interesse pela política da memória. Ele também acredita que o desenvolvimento econômico se dá de maneira diferente nos diversos países, porque decorrem de tradições nacionais que refletem os diferentes estágios de urbanização e industrialização. E isso não é de hoje. O modernismo francês, por exemplo, precedeu a variante alemã. A pintura e o romance vieram primeiro na França. A música e a filosofia na Alemanha. E a arquitetura modernista foi a última a aparecer em qualquer parte.

Desta forma, a transição para Andreas é condição de possibilidade da ascensão tanto do modernismo na Europa, como nas colônias, não importando o grau de diferença. E assim, os múltiplos modernismos e suas diversas trajetórias permanecem ligados por mediações complexas. Em outros termos, não é possível pensar em cultura puramente global separada das tradições locais.

Sob essa perspectiva, o autor sugere análises totalizantes em termos geográficos, levando-se em consideração as refrações que afetaram os vários “modernismos alternativos”, termo utilizado para denominar países que estão fora da Europa, mas que encontraram terreno fértil na América Latina e se depararam com a resistência do nativismo ou de políticas culturais oficiais como na antiga União Soviética ou que assumiram características diferenciadas.

O livro formula questões originais ao tentar superar uma visão canonizada das vanguardas. De maneira instigante, propõe uma revisão das teorias consagradas, indo além dos velhos clichês: centro e periferia, global e local, colonial e pós-colonial, moderno e pós-moderno, ocidental e oriental, porque tais contrapontos pressupõem distinções entre as relações e determinam dois lados contrários, sendo um deles superior e o outro inferior, o que atenua a importância das relações hierárquicas de valor presentes em todas as práticas culturais.

Como aspecto geral, o livro se orienta pelo pressuposto da globalização do modernismo e da política da memória, sem ter criado um modernismo global único ou uma cultura global da memória dos direitos humanos.

Neste trabalho, assim como nas demais publicações do autor intituladas *Memórias do Modernismo* (UFRJ, 1996) e *Seduzidos pela Memória* (Aeroplano, 2000), o objetivo é dar um lugar para a memória nas artes, na política e na defesa dos direitos humanos e serve de alerta para o perigo que é o processo de instrumentalização da memória, passível de ser transformada em um produto da indústria cultural, uma vez que ela pode ser manipulada e nem sempre apresenta características positivas, podendo estar a serviço das ideologias mais radicais ou sujeita aos abusos políticos e econômicos. Alguns desses abusos são discutidos nos ensaios “Resistência à memória”, “Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo” e “Os direitos humanos internacionais e a política da memória: limites e desafios”, encontrados no livro recém-lançado.

Vale lembrar que cada vez mais são erguidos monumentos, memoriais, museus, arquivos, ou seja, surgem a cada dia instituições que valorizam o passado. É dentro desse contexto que Andreas Huyssen, como leitor atento de Walter Benjamin (1892-1940), observa a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais, contemporâneas, pós-industriais e pós-modernas.

A propósito, foi a partir da poesia de Charles Baudelaire (1821-1867) que Benjamin passou a articular as primeiras linhas sobre a teoria da memória no advento da modernidade. Ele acreditava que ela seria capaz de destruir os nexos e (re)inscrever o passado no presente, num movimento duplamente articulado: por um lado teríamos a restauração e a reconstituição do que fora destruído e por outro tratava-se de algo aberto e inacabado.

Muitos autores também discutiram o tema. Friedrich Nietzsche (1844-1900), por exemplo, analisou a memória e o esquecimento nas obras *Segunda Consideração Intempestiva* (Relume Dumará, 2003) e em *Genealogia da Moral* (Companhia das Letras,

2009). Já Maurice Halbwachs (1877-1945), Paul Ricoeur (1913-2005) e Pierre Nora (1931) abordaram questões relacionadas à memória coletiva. E Georges Didi-Huberman (1953) discute a forma como historiadores e instituições recordam o Holocausto, a partir de fotografias dos campos de concentração e do Museu de Auschwitz-Birkenau.

Já a abordagem apresentada por Andreas traz uma combinação de estudos culturais com aspectos sociológicos, econômicos e levanta questões políticas envolvendo os direitos humanos e a sociedade civil, comunidades imaginadas e o papel da religião, do gênero e da subalternidade. Toda essa discussão é atual e encontram-se presente nas sociedades contemporâneas, pós-modernas. E assim, a memória pode passar a ser compreendida como um elemento importante do novo pensamento sobre a história e é vista não mais como mera representação do passado, mas como a apresentação dele.

RECEBIDO EM 26-06-2015

APROVADO EM 30-11-2015